ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

O SUJEITO (PÓS) MODERNO ENTRE VALORES, MEDOS E MUDANÇAS

The postmodern individual between values, fears and changes

Ana Augusta Pinheiro Pessoa[i]
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Resumo: Pretendemos com esse estudo analisar a personagem do conto "Obscenidades para uma dona-de-casa", de Ignácio de Loyola Brandão (2001). Para isso, tomaremos como ponto de partida o conflito pessoal que atormenta a personagem, pois a mesma vive dividida entre seus medos e desejos sexuais. Dessa forma, nossa intenção é tentar compreender os sentimentos, as ações e os desejos intrínsecos da personagem, elementos esses que apontam para a construção de sua identidade. Nessa perspectiva, trabalharemos com HALL (2006), EAGLETON (1998) e BAUMAN (2004), entre outros, que fundamentarão a discussão sobre a identidade, o comportamento e os paradoxos que envolvem o sujeito pós-moderno. Os resultados apontam para a ideia de que na sociedade contemporânea a identidade perde a noção do fixo e do estável, cedendo lugar para as dúvidas e questionamentos, ficando literalmente em crise.

Palavras-chave: Identidade. Pós-modernidade. Medos. Transformações. Ignácio de Loyola Brandão.

Abstract: In this study we aim to analyze the character from the short story "Obscenities to a housewife", by Ignácio de Loyola Brandão. For this, we will take as a starting point the personal conflict that torments the character, because she lives divided between her fears and her desires. Thus, our intention is to try to understand the feelings, actions and intrinsic desires of the character. These elements point to the construction of her identity. In this perspective, we will work with HALL (2006), EAGLETON (1998), BAUMAN (2004), among others, that will base the discussion about identity, behavior and paradoxes that involve the postmodern individual. The results point to the idea that the identity in contemporary society loses the notion of fixed and stable, giving way to doubts and questions, being literally in crisis.

Keywords: Identity. Postmodern. Fears. Changes. Ignácio de Loyola Brandão.

Considerações Iniciais

A narrativa nos apresenta uma mulher dedicada ao lar e a sua família, que recebe cartas eróticas de um homem, supostamente desconhecido pela mesma, isso porque as cartas não apresentam identificação, mas causam um verdadeiro caos nos sentimentos, desejos e fantasias sexuais de personagem, que não é nomeada. Sendo assim, as cartas despertam o desejo de vivenciar um relacionamento amoroso

proibido, pois a mesma é casada. Dessa maneira, a única solução para a personagem seria fugir das cartas, mas já não consegue viver sem elas e mergulha numa misteriosa fantasia de liberdade através das mensagens que lhes chegam.

Assim sendo, nosso objetivo é tentar compreender como a personagem cultiva seus sentimentos, bem como analisar suas ações e seus desejos. Nessa perspectiva, trabalharemos com Hall (2006), Eagleton (1998), Bauman (2004) e Compagnon (2003), entre outros estudiosos que fundamentarão nossa discussão sobre a construção da identidade, a conduta e as contradições que envolvem o sujeito pós-moderno.

Para isso, nosso trabalho encontra-se dividido em alguns tópicos. O primeiro tópico, "Sociedade pós-moderna", discutirá sobre a mudança de valores e ideologias que afetou ligeiramente a sociedade atual e, consequentemente, os indivíduos que a ela pertencem. Posteriormente, serão apresentadas as discussões em torno da "Crise de identidade" (segundo tópico), bem como quais os fatores levam a fragmentação do sujeito. Na sequência, teremos o último tópico, que se constituirá na análise da protagonista do conto, tomando como base o referencial teórico citado anteriormente. Por fim, apresentaremos as considerações finais, na qual apresentaremos nossa compreensão a respeito de como se dá a construção da identidade da personagem analisada.

Sociedade pós-moderna

No início do século XX, a sociedade vivenciou um período de grandes transformações, principalmente pelo advento das máquinas e do capitalismo. Foi uma época marcada pela presença de ideias que causaram fortes polêmicas, por sua irreverência e ousadia, especialmente nas artes. E assim, em meio às mudanças econômicas, sociais, filosóficas, políticas e artísticas, instalou-se o Modernismo, que tinha como propósito romper com o passado.

Sendo assim, esse desejo de ruptura com o passado, de criação e apreciação do novo, se intensificou. Fortificou-se cada vez mais "o desejo de reunir a arte e a vida, o otimismo tecnológico e a valorização da cultura de massa" (COMPAGNON, 2003, p. 117), até que não foi mais possível controlar o fluxo de criação e produção. Com o passar dos tempos e com as mudanças contínuas ocorridas nas sociedades, eis que surge um novo chavão nos anos 80, denominado de pós-modernismo. Este "contém um paradoxo flagrante: pretende acabar com o modernismo, mas, ao romper com ele, reproduz a operação moderna por excelência: a ruptura" (COMPAGNON, 2003, p. 105).

Pensar sobre a pós-modernidade seria identificar e tentar entender um estado de crise que alcançou sua generalidade em relação aos saberes humanos. Há um abandono de crenças, valores e ideologias que afetam diretamente e de maneira agressiva a forma de pensar e de viver do homem, que já não consegue mais ser uno, pois a sociedade pós-moderna tende ao pluralismo, o que ocasiona a fragmentação da identidade do sujeito. Ou seja, "o que o pós-modernismo tem contra a identidade, no sentido de uniformidade, é a pluralidade, que ele curiosamente acredita ser um bem inequivocadamente positivo" (EAGLETON, 1998, p. 123), mas que na verdade não é.

Alguns aspectos são bem complexos no pós-modernismo, como por exemplo, a desvalorização do sentido, pois não há necessidade de se ter a resposta para os "porquês" que possam surgir; basta apenas que os desejos sejam rapidamente saciados. Além disso, os valores tradicionais, que por muito tempo serviram de âncora, agora se encontram dissolvidos.

De acordo com os estudos de Berman,

> Tudo que é sólido – das roupas sobre nossos corpos aos teares e fábricas que as tecem, aos homens e mulheres que operam as máquinas, às casas e aos bairros onde vivem os trabalhadores, às firmas e corporações que os exploram, às vilas e cidades, regiões inteiras e até mesmo as nações que as envolvem – tudo isso é feito para ser desfeito amanhã, despedaçado ou esfarrapado, pulverizado ou dissolvido, a fim de que possa ser reciclado ou substituído na semana seguinte e todo processo possa seguir adiante, sempre adiante, talvez para sempre, sob formas cada vez mais lucrativas (1986, p. 97).

Não há dúvidas que apesar de todas as conquistas das artes, mudanças de pensamento e de comportamento, avanços tecnológicos e científicos, a sociedade pós-moderna acaba não sabendo usar esse progresso a favor da vida humana, pois o que se pode perceber é que tudo se tornou descartável ou facilmente substituído para logo depois ser esquecido. Uma verdadeira guerra pela sobrevivência de valores e sentimentos, na qual o homem luta para não se tornar um escravo do sistema, ou mesmo uma máquina destinada a se tornar ferro velho sem utilidade.

Crise de identidade: sujeito fragmentado

A pós-modernidade trouxe para as sociedades um processo contínuo de mudanças rápidas, o que ocasionou uma verdadeira fragmentação das identidades em todas as esferas constituintes da sociedade. Não há atualmente identidades sólidas e bem definidas como antes, e diante dessas mudanças estruturais, o sujeito que antes se

encontrava socialmente estabilizado hoje vive uma crise de identidade que faz parte de um processo mais amplo no qual o mesmo está inserido, e o resultado de tudo isso é um sujeito contemporâneo[1] fragmentado.

De acordo com os argumentos de Hall (2006), essas constantes mudanças ocorridas nas sociedades modernas resultam numa crise de identidade e numa fragmentação do sujeito, haja vista que elas movem todo o sistema social, principalmente a base referencial que orientava e situava os indivíduos no mundo social. Ou seja,

> as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o sujeito moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim, a chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudanças, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 07).

Compartilhando das ideias do estudioso citado, acreditamos que para estudarmos sobre as novas identidades, devemos considerar o âmbito da sociedade pós-moderna, e, para isso, partiremos do pressuposto de que a identidade surge da interação que é realizada entre o homem e a própria sociedade. Deve-se enfatizar que as sociedades atuais estão sempre em processo de mudanças, causando assim a fragmentação e descentralização dos sujeitos. Isso quer dizer que

> um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas. [...] Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gêneros, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentralização do sujeito. Esse duplo deslocamento [...] constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo (HALL, 2006, p. 09).

Como se pode perceber, as mudanças ocorridas nas sociedades modernas acabam descentralizando o sujeito em seu espaço no mundo social e cultural. Além disso, há uma descentralização de si próprio, o que pode ocasionar inúmeros questionamentos existenciais. E a identidade perde a noção do fixo e do estável, cedendo lugar para as dúvidas e

[1] Os termos "Pós-moderno" e "Contemporâneo" são usados no presente texto como sinônimos.

questionamentos, ficando literalmente em crise e ganhando espaço nas discussões teóricas sociais e culturais.

É inegável que o sujeito da modernidade sofre com as mudanças repentinas da sociedade; as pessoas

> vivem desgastadas e mortalmente fadigadas em consequências de testes de adequação eternamente inconclusos, assustadas até a alma pela misteriosa e inexplicável precariedade de seus estímulos, [...] buscam desesperadamente os culpados por seus problemas e tribulações (BAUMAN, 2004, p. 143).

Trata-se, assim, de um sujeito fragmentado que, diante da sociedade, se apresenta não apenas com uma identidade, mas sim, com várias, ajustando-se a cada processo de mudança realizada pela sociedade.

Conhecendo o conto "Obscenidades para uma dona-de-casa"

A protagonista do conto é uma mulher muito bem casada e isso fica nítido para todos, pois até os vizinhos do prédio em que ela mora a elogiavam como uma excelente dona-de-casa, mãe e esposa. Muito organizada, em sua casa as coisas sempre estavam em perfeita ordem. Seus filhos passam boa parte do dia na escola e seu marido, trabalhando. E assim seguia a rotina da personagem, dedicando-se ao lar e à família. Porém, algo de estranho acontece na rotina da personagem nos dias de segunda, quarta e sexta-feira, pois nesses dias ela recebe cartas anônimas e essas cartas despertam nela desejos e fantasias sexuais que ela sempre hesitou. Enquanto as cartas não chegavam, a personagem ficava extremamente ansiosa e sempre encontrava uma desculpa para descer até a rua e pegar a carta, evitando assim que o carteiro fosse até seu apartamento, o que poderia causar desconfianças nos vizinhos. Após receber a carta, se dirigia até seu quarto para ler a mensagem com todo entusiasmo e anseio. Depois de se satisfazer com a leitura da carta voltava a escrever outra, para que depois de amanhã a recebesse e continuasse esse ciclo que alimentava os seus desejos e fantasias sexuais.

Análise do Conto

Na narrativa, uma mulher que não é nomeada, recebe constantemente cartas anônimas de um homem, com frases e propostas eróticas, levando o leitor a pensar que ela mantém um relacionamento com esse homem que não apresenta identificação nas cartas, o que não descarta a possibilidade de ser um amante que prefere não assinar as cartas, mantendo em sigilo sua identidade. Grandes são as expectativas

que ela alimenta ao esperar a chegada de novas cartas, que são recebidas com grande entusiasmo e aspiração.

> Três da tarde ainda, ficava ansiosa. Andava para lá, entrava na cozinha, preparava nescafé. (...) Quatro horas, vontade de descer, perguntar se o carteiro chegou, às vezes ele vem mais cedo. (...) Quase cinco. E se o carteiro atrasar? (...) O que ele dirá hoje? *Os bicos dos teus seios saltam desses mamilos marrons procurando a minha boca enlouquecida*. Ficava excitada só em pensar (BRANDÃO, 2001, p. 149-150).

Percebe-se que há uma ansiedade que cresce a cada instante em torno da carta que está prestes a chegar. Mas, essa carta não é uma carta qualquer. É mais uma entre tantas que até então já havia recebido, e que, como sempre, deveria apresentar fortes doses de erotismo para satisfazer os desejos e anseios reprimidos de uma sexualidade retraída. Vale ressaltar que as cartas causam uma enorme sensação de bem-estar à personagem.

Ao contrário do que se possa pensar ao seu respeito, a personagem nos é apresentada na narrativa como uma mulher presa às regras que a sociedade lhe impôs, ocupando-se apenas em cuidar da casa, do seu marido e da educação de seus filhos. Toda a vizinhança a admirava por sua dedicação e por seus cuidados para com sua família. Porém, o que já se pode inferir quanto ao seu relacionamento com o marido é que ela cumpria o seu papel de esposa seguindo os padrões sociais por medo de ceder às suas próprias vontades, isto é, ela refreava suas fantasias sexuais, pois não era apropriado para uma mulher casada tal comportamento, e dessa maneira mantinha-se bem aos olhos da sociedade, como observaremos na citação abaixo:

> Ela não gostava de coisas fora do normal, instituiu sua vida dentro de um esquema nunca desobedecido, pautara o cotidiano dentro da rotina sem sobressaltos. Senão, seria muito difícil viver. Cada vez que o trem saía da linha, era um sofrimento, ela mergulhava na depressão. Inconsolável, nem pulseiras e brincos, presentes que o marido trazia, atenuavam (BRANDÃO, 2001, p. 149).

Nota-se claramente que a personagem gostava da rotina, o que nos leva a imaginá-la como uma pessoa que não se permite experimentar novas experiências, isso porque estabeleceu em sua vida um conjunto de regras que não admitia que ela saísse dos padrões que a sociedade exige de "uma boa mulher". Sua vida encontra-se paralisada emocionalmente por isso o motivo de tanta expectativa pela carta do dia, já que ela lhe causaria uma enorme satisfação.

> Apanho a carta, [...] sem poder andar direito, perna toda molhada. Fico tão ansiosa, deve ser uma doença que me molho toda, o suco desce pelas pernas, tenho medo que escorra pelas canelas e vejam. Preciso voltar, desesperada para ler a carta. O que está dizendo hoje? [...] Confesso, o meu pavor é me sentir apaixonada por este homem que me escreve cruamente. Querer sumir, fugir com ele. Se ele aparecer não vou agüentar. [...] Fico louca, nem sei o que digo, tudo delírio, por favor não prestem atenção, nem liguem, não quero trepar com ninguém, adoro meu marido e o que ele faz é bom, gostoso. (BRANDÃO, 2001, p. 154).

A situação que envolvia personagem em análise já estava causando sofrimento, pois ela encontra-se extremamente confusa quanto aos seus sentimentos e desejos, chegando a dizer que tudo que fala ou pensa é delírio e deve ser desconsiderado, principalmente pelo fato de que ela sente desejo por outro homem que não é seu marido, é apenas um estranho que ela nunca viu, mas que lhe desperta prazeres e pensamentos que nunca havia sentido. Para ela, atualmente, o verdadeiro prazer está sendo encontrado fora de casa, isto é, nas palavras de um alguém que ela não sabe quem é, e isso não era bom para sua reputação.

Percebe-se, assim, que a personagem está vivenciando uma crise de identidade, pois as sensações que as cartas lhe despertam não condizem com sua personalidade, uma vez que ela não está se reconhecendo e nem entendendo a si própria. Seus pensamentos e suas reações diante da ocasião causam um verdadeiro martírio. Ao discutir sobre esse aspecto, pode-se dizer que

> a identidade surge não tanto da plenitude, da identidade que já nasce dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outras. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a "identidade" e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2006, p. 39).

Comungando das palavras do autor, é na exposição que os sujeitos fazem deles mesmos ao convívio social e na interação em comunidade que são colocados à prova nossos pensamentos, conceitos, opiniões, comportamentos e atitudes. Talvez seja nesse momento que aparece a "crise de identidade" capaz de questionar e refazer tudo aquilo que o sujeito acreditava como certo e verdadeiro. Trata-se, assim, de um sujeito fragmentado que, diante da sociedade, se apresenta não apenas com uma identidade, mas sim com várias, ajustando-se a cada processo de mudança realizado pelo meio social, uma vez que estamos inseridos em uma

sociedade moderna, em que mudar é algo inerente à condição de sujeito. Assim sendo,

> a complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra. [...] Outros conflitos surgem nas tensões entre expectativas e normas sociais. (SILVA, 2008, p. 31-32).

Ou seja, ao se falar em sociedade moderna, não se deve pensar em sujeito dono de seus objetivos, pois ela produz no indivíduo[2] uma identidade incerta, que sofre constantemente mudanças influenciadas pelo meio social e cultural em que o mesmo encontra-se inserido.

A personagem estava vivenciando essa "crise", causando nela grande transtorno, uma vez que as cartas estavam lhe roubando toda a estabilidade que ela havia construído para manter sua vida obedecendo aos bons costumes que a sociedade pregava para uma mulher, esposa, mãe e dona-de-casa.

Porém, o desespero quase que toma conta da protagonista do conto. "Vou mostrar as cartas ao meu marido, vamos à policia, descobrir, ele tem de parar, acabo louca acabo mentecapta, me atiro deste nono andar" (BRANDÃO, 2001, p. 155). Mas, ela acaba se tranquilizando e, assim como em todas as sextas-feiras, o seu marido chegaria mais tarde, bem como seus filhos, pois todos estariam se divertindo com os amigos. E nesse ambiente sossegado e sereno, ela vai até seu quarto e começa a escrever uma nova carta, cheia de fantasias, desejos e vontades.

> A casa fica tranqüila. [...] Adoro as segundas, quartas e sextas, ninguém em casa, nunca sei onde estão às crianças, nem me interessa. Porque assim me deito na cama [...] e posso escrever outra carta. Colocando amanhã, ela me será entregue segunda. O carteiro das cinco traz. Começo a ficar ansiosa de manhã, esperando o momento dele chegar e imaginando o que vai ser de minha vida se parar de receber estas cartas (BRANDÃO, 2001, p. 155).

E assim, ao fim da narrativa o autor nos surpreende, pois descobrimos que o misterioso escritor das cartas que causavam tanta ansiedade e prazer na personagem era ela própria, que, na condição de uma dona-de-casa, mas, principalmente, pela educação que teve, retrai todos os seus desejos, encontrando liberdade apenas em escrevê-los, alimentando assim um ciclo vicioso de escrever, enviar, receber e se satisfazer.

[2] Os termos "Sujeito" e "Indivíduo" são usados como sinônimos.

Considerações Finais

Diante de todas as ideias discutidas e dos fragmentos analisados, podemos dizer que a personagem desfruta de sua sexualidade de uma maneira bastante diferente do convencional, pois a mesma não sente liberdade de vivenciar suas fantasias sexuais e seus desejos eróticos com seu marido e, numa tentativa de saciar suas vontades mais íntimas, encontra nas cartas, que ela mesma escreve, a solução de seus anseios.

Assim, deparamo-nos com uma situação que envolve a questão da identidade, pois a protagonista analisada retrai suas vontades para manter-se segura com a identidade que construiu até então, identidade essa ancorada no marido, na casa e nos filhos, evitando de todas as formas sua fragmentação, que ocorreria se ela tentasse viver tudo que escreve nas cartas.

Eis então os paradoxos do sujeito contemporâneo, que acaba se descentralizando devido às mudanças ocorridas nas sociedades modernas, mudanças essas que afetam o sujeito no meio social e cultural em que o mesmo está inserido. Além disso, o sujeito acaba se deslocando de si próprio, dos valores que cultivou, das verdades que acreditou e, assim, é que se instala a crise de identidade, isso porque na sociedade contemporânea a identidade perdeu a noção de fixo e de estável, cedendo lugar para as dúvidas e incertezas.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BERMAN, M. 1940 - *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRANDÃO, I. de L. Obscenidades para uma dona-de-casa. In: SILVA, D. *Melhores contos de Ignácio Loyola Brandão*. 5. Ed. São Paulo: Global, 2001. p. 149-155**.**

COMPAGNON, A. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

EAGLETON, T. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. 11 ed. Rio de janeiro: DP&A, 2006.

SILVA, T. T da (org). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

[i] E-mail da autora: anagusta.pinheiro@gmail.com